

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE
CURSO DE PSICOLOGIA**

SAMARA DE FREITAS

SEXUALIDADE FEMININA: UMA REVISÃO BIOPSISSOCIAL

CAÇADOR 2019

SAMARA DE FREITAS

SEXUALIDADE FEMININA: UMA REVISÃO BIOPSIKOSSOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob orientação da professora Mestranda Madaline Ficagna Roveda.

CAÇADOR 2019

SEXUALIDADE FEMININA: UMA REVISÃO BIOPSIKOSSOCIAL

SAMARA DE FREITAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de Avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

Bacharela em Psicologia

E aprovado na sua versão final em _____, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe e Coordenação do Curso de Psicologia.

Ana Claudia Lawless
Coordenadora do Curso de Psicologia

BANCA EXAMINADORA:

Madaline Ficagna Roveda
Presidente

Membro

Membro

Dedico este trabalho a minha família, que abdicaram muito de suas vidas para que eu pudesse chegar até aqui, ensinando-me que a dedicação e persistência levam a concretização dos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, que estiveram ao meu lado batalhando durante seis árduos anos, por me incentivarem e acreditarem que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me trouxe, apoiando-me independente do momento, sem eles não seria possível.

Agradeço aos meus professores pelo conhecimento fornecido e por servirem de exemplo tanto profissional como pessoal, especialmente a minha orientadora Madaline Ficagna Roveda, pelo suporte oferecido, orientações e correções para conclusão deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer ao meu namorado Tiézari Maciel pela compreensão, amparo e incentivo, bem como a minha amiga Grasyelly Toniolli pelo apoio e motivação, obrigada por confiarem em mim fazendo-me acreditar em meu potencial.

Agradeço a toda minha família e amigos, por me incentivarem e por entenderem minha ausência nos últimos anos, agradeço a todos que fizeram parte desta jornada, de forma direta ou indireta, mas que contribuíram de alguma forma para minha formação.

“Não é à toa que a peça mais forte do jogo é uma dama”.
(Autor desconhecido)

RESUMO

Este trabalho apresenta o tema “Sexualidade feminina: uma revisão biopsicossocial”. E teve como questão problema: a sexualidade em seus aspectos biopsicossociais leva a mulher ao empoderamento feminino? O principal foi pesquisar a sexualidade feminina em seus aspectos biopsicossociais e o empoderamento da mulher, introduzindo ao leitor aspectos que englobam a sexualidade feminina, como ela vivenciou a sexualidade durante a história e como tem se utilizado dela na modernidade, após anos de luta por direitos igualitários em todos os sentidos como ser humano, apresentando resultados significativos que permitem compreender a evolução da mulher através dos tempos. Foi utilizada a metodologia bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa, a qual traz conhecimento a profissionais, acadêmicos e população em geral a qual tem interesse pelo tema, contribuindo na produção de conhecimento no meio acadêmico, científico e social. Os dados coletados através da pesquisa foram discutidos e cruzados buscando explicar como o empoderamento feminino tem influenciado a mulher. Os resultados elucidam a contribuição do empoderamento feminino para a liberdade de expressão, sem a opressão carregada por muitos anos em uma história de privações e punições decorrentes das mais diferentes culturas, demonstrando os benefícios da busca pelo espaço e pela voz no meio social.

Palavras-chave: Aspectos biopsicossociais, Empoderamento, Mulher, Sexualidade.

ABSTRACT

This course work presents the the “Female Sexuality: A Biopsychosocial Review”. And the problem question was: did the sexuality in it’s biopsychosocial aspects lead women to female empowerment? The main objective was to introduce the reader to all aspects of female sexuality, how she experienced sexuality throughout history and how she has been using it in modernity, after years of fighting for equal rights in every way as a human being, presenting significant results that allow us to understand the evolution of women through the ages. We used the bibliographic methodology, descriptive and qualitative, which brings knowledge to professionals, academics and the general population who has interest in the subject, contributing to the production of knowledge in the academic, scientific and social. The data collected through the research were discussed and crossed seeking to explain how female empowerment has influenced women. The results elucidate the contribution of female empowerment to freedom of expression, without the oppression carried for many years in a history of deprivation and punishment from different cultures, demonstrating the benefits of the search for space and voice in the social environment.

Keywords: Biopsychosocial Aspects, Empowerment, Woman, Sexuality.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

UNIARP – Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. OMS
- Organização Mundial da Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 HISTÓRIA SÓCIO CULTURAL DA MULHER.....	13
1.2 SEXUALIDADE FEMININA.....	16
1.2.1 Sexualidade	16
1.2.2 Aspecto biológico da sexualidade feminina	17
1.2.3 Aspecto psicológico da sexualidade	21
1.2.4 Aspecto social da sexualidade feminina	24
1.3 EMPODERAMENTO FEMININO	25
1.3.1 Conceituação de empoderamento feminino	25
1.3.2 Impactos do empoderamento feminino na atualidade	28
2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	31
2.1 Natureza e Tipo de Pesquisa.....	31
2.1.2 Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados	32
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma necessidade básica, e um aspecto central do ser humano, do começo ao fim da vida; o que a sociedade em geral muitas vezes não sabe é que a mesma não se trata somente de sexo, ela envolve identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, não podendo ser separada de outros aspectos da vida. A falta de conhecimento sobre o tema pode ser um dos fatores pelos quais a sexualidade feminina, abordada nesta pesquisa, é ainda um tabu para a sociedade, por muitas, reprimida. Freud em suas obras destacava esse tabu:

O significado de 'tabu', como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, 'sagrado', 'consagrado', e, por outro, 'misterioso', 'perigoso', 'proibido', 'impuro'. O inverso de 'tabu' em polinésio é 'noa', que significa 'comum' ou 'geralmente acessível'. Assim, 'tabu' traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. (FREUD, 1913, p. 37).

A presente pesquisa bibliográfica traz um referencial histórico que busca elucidar a trajetória da mulher com todas as proibições e restrições de sua sexualidade, levantando-se a seguinte pergunta: **a sexualidade em seus aspectos biopsicossociais leva a mulher ao empoderamento feminino?**

Justifica-se esta pesquisa por entender a importância deste tema, considerando a falta de conhecimento e os pré-conceitos ainda enraizados pela sociedade, que acaba de forma direta ou indireta por muitas vezes prejudicando a vivência sexual da mulher. Considerando assim, este trabalho de pesquisa poderá disponibilizar novas informações, tanto à população em geral (sociedade), quanto a acadêmica (universitários, professores e outros profissionais interessados), aumentando o conhecimento acerca do tema.

O tema escolhido foi motivado por sua grande repercussão nas mídias atuais, e pelo anseio em desvendar o mundo da sexualidade pela perspectiva feminina, que ainda tem um grande campo a ser explorado, decorrente de culturas que oprimiram a sexualidade durante vários períodos na história.

Para realização do trabalho de pesquisa foi estabelecido como objetivo geral: pesquisar a sexualidade feminina em seus aspectos biopsicossociais e o empoderamento da mulher. E como objetivos específicos: descrever a história sócio cultural da mulher; abordar a sexualidade feminina em um contexto biopsicossocial;

propor uma reflexão sobre o empoderamento feminino e as manifestações da sexualidade da mulher na contemporaneidade.

A metodologia adotada para desenvolver esse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa com a preocupação em se utilizar de situações baseadas na realidade e fundamentadas por referenciais teóricos que transpassam confiabilidade, incluindo exploração de livros, artigos científicos e através da web.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 HISTÓRIA SÓCIO CULTURAL DA MULHER

A história da mulher é de suma importância para compreensão da história do ser humano, uma vez que ela é relacional e o aborda como um todo, desde suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas.

Para apresentar a história da mulher é necessário vê-la em meio a tensões e contradições de outros tempos, das mais diversas culturas e sociedades, mostrando-a como ser social que se articula com o fato social, podendo assim desvendar suas relações com os grupos que a rodeiam. “As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades de uma época, de um indivíduo, homem ou mulher” (RODRIGUES, s/d, p. 2, web).

“Quando se procura entender o papel da mulher na sociedade, há de se voltar o olhar para os primórdios da existência de nossa sociedade, dando ênfase à formação do sujeito, seus grupos e classes sociais” (SILVA, 2005, web).

Na Grécia antiga a posição social e política entre homens e mulheres tinha uma grande diferença no que se refere a direitos, onde elas eram tratadas de maneira inferior, não eram consideradas cidadãs. As mulheres durante esta época da história eram confinadas ao lar, onde serviam aos seus maridos com total fidelidade, eram encarregadas de educar e gerar os filhos destes, claramente sendo destinadas a procriação e as tarefas domiciliares (FRIAS, 2012, web).

Aliás, o status social da antiga mulher grega era condicionado pelo meio cultural e econômico em que ela estava inserida. Um exemplo disso são as mulheres de Esparta, que desfrutavam-se de maiores “regalias” em comparação às atenienses, visto que eram proporcionado às espartanas, por ensejos políticos, uma maior liberdade para a prática de atividades físicas e, também, para o gerenciamento das terras de seus maridos, isso enquanto na ausência deles (FRIAS, 2012, web).

As mulheres de origem aristocrática tinham o direito de aprender a ler, apesar de comumente voltarem seus esforços e foco no aprendizado de serviços domésticos e manuais ao que à erudição. “Ademais, sendo principalmente pautado na ideia de aliança entre famílias, o matrimônio na Grécia antiga era decidido e arranjado pelos pais das mulheres, as quais se casavam cedo, em sua puberdade” (FRIAS, 2012, web).

Conforme Diehl e Vieira (2017) a mulher tinha uma imagem contraditória no Renascimento. Ela poderia ser uma fonte de provocação, causadora de disputa entre os homens, inimiga da paz, mas aquela mulher pura e virtuosa tinha grande admiração, para que isso acontecesse ela deveria ser sexualmente passiva e submissa.

Durante a Reforma Protestante perante a visão da nobreza as mulheres eram consideradas como criaturas extremamente sexuais igualmente aos homens, nesse contexto, não estava habituada à afetividade nem mesmo a alguma sensação de posse ou domínio do homem pela mulher (DIEHL, VIEIRA, 2017).

No século XVII, a visão da mulher como um ser sem volição própria se mostrava forte. Rousseau detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, como se prosseguia durante a Grécia antiga, defendendo que seria contrária a natureza feminina a busca pelo conhecimento. “Essa sociedade que lutava tanto por liberdade, passou a exigir que as mulheres fizessem parte dela, mas como mães, guardiãs dos costumes, e como seres dispostos a servir o homem” (GASPARI, 2003, p. 29 apud RODRIGUES, s/d, p. 4, web).

Essa concepção de inferioridade da mulher em relação ao homem teve como base grandes pensadores ainda na Grécia antiga, como o filósofo Aristóteles, que defendeu a concepção a respeito da sexualidade, atribuindo importância a diferença entre os indivíduos, e que independentemente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade (1998, pag. 33 apud FRIAS, 2012, web). Ele hierarquizou a natureza da alma, colocando o homem livre num plano superior ao da mulher que sofreria de uma carência e maturidade de espírito. Já Demócrito, outro filósofo da época também associando a mulher à natureza, reduziu a função dela à satisfação sexual masculina, qualificando-a como uma mera fonte de prazer carnal. Kant (apud Rodrigues. s/d, p.4, web):

Usa um discurso sexista ao descrever sobre a mulher e seu viver para o homem, não a reconhecendo enquanto sujeito atuante da história. Foi influenciado por Rousseau ao utilizar a ideia de inferioridade feminina com relação à sua incapacidade de raciocinar como o homem, reforçando a ideia de inferioridade feminina (GASPARI, 2003, p. 31 apud RODRIGUES, s/d, p. 4, web).

No século XVII, havia uma concepção extremamente preconceituosa, que impulsionou as mulheres a buscarem pelo conhecimento intelectual por meio de leitura, a ideia neste período era de que a mulher não podia possuir ao mesmo tempo a beleza e a razão, havia um pensamento de que: “[...] a natureza fez a mulher

diferente do homem, atribuindo-lhe características inerentes. A sedução, por exemplo, é fonte de poder para a natureza feminina e a falta de autodeterminação da mulher é também intrínseca à sua natureza” (GASPARI, 2003, p. 32 apud RODRIGUES, s/d, p. 4, web). Foi implantado durante este período a imagem da mulher sendo inferior ao homem, portanto, não teriam responsabilidade pela desigualdade social e política referente a negação de educação a elas.

Já no Brasil durante a época colonial, a mulher branca era enclausurada, guardiã de honra do pai e do marido, extremamente recatada, entretanto, a mulher negra deveria estar disponível para diversão do sinhozinho e deleite dos senhores de terra. Além de serem reduzidas a objetos sexuais, as mulheres africanas trabalhavam com tarefas pesadas, usando foice e a enxada, semeando, enfeixavam e moíam a cana, cozinhavam o melado, manufaturavam o açúcar, também tinham ocupações na casa-grande onde cozinhavam, lavavam e além disso cuidavam de suas famílias na senzala (SILVA, 2009, web).

Nos centros urbanos, as “negras do tabuleiro” vendiam doces, bolos, queijos, hortaliças, leite, agulhas, alfinetes, polvilho, prestando contas do dia de trabalho aos seus senhores. Alvo da preocupação das autoridades, pois levavam recados dos quilombolas, ajudavam a traficar ouro roubado e preveniam fugitivos e bandoleiros sobre a ação das tropas. Muitas se prostituíram, outras, através do comércio ambulante, economizaram e acumularam o suficiente para, de uma ou de outra maneira, acabarem comprando sua liberdade e no século XVIII, era grande o número daquelas que eram livres e alforriadas (Ibid, p.20 apud SILVA, 2009, web). Desde a colonização do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. Elas foram admiradas, temidas como representantes de Satã e foram reduzidas a objetos de domínio e submissão por receberem um conceito de “não-função”, tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada (SILVA, 2005, web).

A mulher durante toda sua história, independente da década, foi desafortunada, submissa ao homem, não podendo assim ter um desenvolvimento pleno, no que tange a sua sexualidade então, a mesma por muitas inexistente, e quando vivenciada carregava consequências degradantes, as quais a mulher fora sempre sujeitada a um ser de inferioridade, impura, privando-se de viver sua sexualidade, impactando em seu desenvolvimento, negligenciada de sua própria identidade.

1.2 SEXUALIDADE FEMININA

1.2.1 Sexualidade

A sexualidade não sendo apenas física, ela inclui sexo, gênero, identidade sexual e de gênero, orientação sexual, erotismo e ligação emocional/amor, sendo considerada como um componente universal do comportamento e da realidade humana. Portanto, é de extrema relevância durante toda a vida, sendo presente nos mais diversos movimentos (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Segundo Souza (2012, web) a sexualidade está ligada a sensações, sentimentos e emoções envolvidas na energia sexual, está que pode ser entendida como libido, palavra originária do latim que remete à desejo violento ou luxúria.

Os pesquisadores Reis; Junqueira e Silva (2012, p. 289), referem o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como sexualidade:

A sexualidade é uma necessidade básica, e um aspecto central do ser humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, e não pode ser separada de outros aspectos da vida. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico.

Diehl e Vieira (2017), igualmente referem contribuições da Organização Mundial da Saúde (2002) em um relatório da instituição denominado Defining Sexual Health: Report of a Technical Consultation on Sexual Health, o qual menciona que a sexualidade é expressa em forma de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e também de relacionamentos, mas que apesar de incluir tantas dimensões, nem todas são sempre vivenciadas ou expressas. Além disso, a sexualidade sofre influência de vários fatores como biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

Ela se fundamenta na estrutura biopsicossocial do sujeito, evoluindo a partir do instinto, onde tem implicação dos valores e da cultura, sendo de grande importância para a formação psíquica do ser humano (REIS; JUNQUEIRA; SILVA, 2012, p. 290).

Foucault (1976/1984, p.62) apud Anacleto e Maia (2010, p. 57), constrói uma hipótese acerca da sexualidade humana, argumentando que ela não deve ser

concebida como um dado apenas da natureza e sim como um produto da conexão, da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres.

[...] é no sexo que devemos procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo; [...] é nele que se pode melhor descobrir o que ele é e aquilo que o determina; e se durante séculos acreditamos que fosse necessário esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabemos agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com o real. No fundo do sexo, está a verdade (FOUCAULT, 1978, p.4 apud GASPARI, 1985, p. 62).

Ainda segundo Foucault, a sexualidade é um computador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para o seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas (RIBEIRO, 1999, web).

A pessoa se expressa através do sexo, mostrando seus maiores desejos e construção de seu ser como um todo. Este tópico revela muito do ser humano, como a sua criação, a maneira com que enfrentou as fases psicosssexuais do desenvolvimento e como se deu o desenvolvimento de sua personalidade, sendo um tema de campo amplo para estudo.

1.2.2 Aspecto biológico da sexualidade feminina

Segundo Souza (2012, web) o termo sexualidade pode ser proposto de maneira operacional, para retratar a especificação de uma função, ele continua afirmando que:

Na evolução apareceu como uma espécie de auxiliar na reprodução, um supérfluo não se constituindo, no início, uma necessidade. Uma bactéria não necessita recorrer a sexualidade para se multiplicar e não existe "sex appeal" entre elas. Entretanto, na medida que o organismo ia ganhando uma certa autonomia, a sexualidade tornou-se o único meio de reprodução e os indivíduos de um sexo tiveram que desenvolver uma maneira de reconhecer os do outro sexo (SANTOS, 2012, web).

A necessidade sexual biológica é algo experienciado pelo ser humano, bem como pelos animais. Na obra, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud conceitua pulsão sexual como uma característica biológica encontrada em todas as espécies animais, no homem tendo caráter inato, que é expresso pelo termo libido (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

Neste sentido, a libido não é dependente de um objeto para se manifestar, por ser algo que independe da vontade do ser humano sempre irá buscar pela própria satisfação (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

É na faixa etária entre 10 e 19 anos que são observadas as mais importantes mudanças biopsicossociais que irão determinar o aspecto emocional e comportamental que irá influir na saúde sexual e reprodutiva do ser humano (SOUZA, 2012, web).

Assim como a posição da mulher na sociedade, o corpo feminino também passa por diversas transformações. A principal característica física que diferencia a mulher do homem é a sua capacidade de gerar novas vidas. Para tanto, a constituição de seu corpo é bem peculiar e complexa e pode ser resumido, se isso é possível, em glândulas mamárias, ovários, tubas uterinas ou trompas, útero, vagina, vulva, e glândulas que secretam hormônios e secreções (CARDOSO; OLIVEIRA; LOBO, 2012, web).

Tal capacidade de gerar novas vidas envolve o processo de ovulação e, desde antes do nascimento, todas as células que mais tarde darão origem aos óvulos já se encontram formadas. A puberdade feminina se inicia com a primeira ovulação e, conseqüentemente, com a menarca – primeira menstruação –, que acontece geralmente entre 11 e 14 anos, mas pode variar de pessoa para pessoa. Essa fase coincide com o surgimento de diversas transformações do corpo que já vinham se manifestando: mudanças na estrutura óssea, nas glândulas hormonais e sudoríparas, crescimento das mamas e surgimento de pelos na região púbica e nas axilas (CARDOSO; OLIVEIRA; LOBO, 2012, web).

Ainda nessa fase, as meninas podem apresentar mudanças comportamentais devido a influências hormonais e do meio em que vivem. Caso essas transformações ocorram cedo demais, fala-se em puberdade precoce e, quando ocorrem tarde demais, fala-se em puberdade tardia. A partir da menarca até a menopausa – fase caracterizada pela última menstruação espontânea, geralmente entre os 45 e 60 anos, –, pode-se dizer que a mulher se encontra na fase fértil ou reprodutiva, na qual ela está apta a ter filhos caso haja uma relação sexual sem o uso de métodos contraceptivos (CARDOSO; OLIVEIRA; LOBO, 2012, web)

O sistema endócrino é formado por glândulas que não possuem ductos excretores e secretam hormônio, nome oriundo do grego que significa excitar. Os hormônios são mensageiros químicos que estabelecem comunicações entre várias partes do corpo. Algumas comunicações estão relacionadas com a regulação homeostática, o perpétuo ajuste do meio interno fisiológico. Como que por encanto, tudo se sexualiza, enxerga-se sexualidade em tudo, embora ainda apoiando-se na

dimensão anatômica. A forma biológica é o determinante básico de qualquer consideração sobre sexualidade (SOUZA, 2012, web).

Remetendo a experiência orgástica Lowen (p. 185) é percebida como uma sensação de satisfação física que se baseia no comprometimento total da pessoa com o ato sexual. A reação física, base dessa sensação de satisfação, é a participação total do corpo nos movimentos involuntários de prazer, inerentes a descarga sexual. Essa ênfase sobre a totalidade do corpo distingue a heterossexualidade da homossexualidade, assim como o tipo de clímax que é limitado aos órgãos genitais se distingue do clímax que Reich descreveu como orgasmo.

Embora essa seja uma distinção importante e válida, é apesar disso incompleta. Uma vez que todo clímax sexual tem alguns elementos da experiência orgástica, seria mais correto falar de orgasmos totais e orgasmos parciais. Um orgasmo parcial é, por sua própria natureza, limitado e insatisfatório, não sendo vivido fisicamente como gratificante. No entanto, é uma forma de descarga sexual e, pelo menos temporariamente, atenua a tensão sexual do organismo. Para mulheres que nunca experimentaram qualquer forma de clímax durante um ato sexual, o orgasmo parcial é muitas vezes uma sensação recompensadora e reveladora (LOWEN, 1910, p. 185).

O termo “satisfação” pode abarcar muitos graus de sentimento e sensação. O orgasmo, mesmo quando pleno e satisfatório, não é o mesmo para as diferentes pessoas; variará segundo suas personalidades. O orgasmo varia também para uma mesma pessoa, segundo a intensidade da sensação inicial, do momento, do lugar e das circunstâncias especiais a cada relação sexual em particular. Não obstante, é preciso confiarmos na sensação de satisfação como único critério para a resposta orgástica (LOWEN, 1910, p. 186).

O orgasmo, no homem e na mulher, começa com a contração dos bulbos cavernosos. Estes são músculos que rodeiam a base do pênis, no homem, e o intróito (abertura) vaginal, na mulher. O orgasmo é vivido como a abertura de uma comporta, havendo a descarga descente de uma enchente de sensações, enquanto o corpo como unidade se move convulsivamente, em resposta a cada balanço involuntário da pelve para frente. As sensações de derretimento e de fluxo descendentes tomam agora todo o corpo. Se o auge for intenso o suficiente, a sensação de calor aumenta e é percebida como brilho na pelve e como uma sensação corporal geral e luminosidade. Quando começa a ejaculação no homem, sua excitação aumenta e permanece num ponto máximo, por alguns instantes. Nesse momento, o orgasmo

pode ser sentido como “estar voando”, “estar girando”, ou outra sensação semelhante (LOWEN, 1910, p. 189).

Quanto à mulher, a contrapartida da ejaculação é a contração da musculatura lisa que circunda a vagina. Essa ação é sentida pelo homem como “bombeamento” do pênis. Existem assim duas respostas involuntárias na mulher que combinadas propiciam-lhe a experiência de um orgasmo total: a reação convulsiva do corpo todo, semelhante à do homem, e a contração rítmica dos músculos que circundam a vagina e o soalho pélvico. Se a mulher alcançar seu clímax ao mesmo tempo que o homem, ambas as respostas são intensificadas.

Após o clímax, a excitação diminui rapidamente, enquanto as sensações de brilho e de satisfação continuam por um tempo indefinido. Os movimentos involuntários podem persistir ainda por alguns minutos; depois o relaxamento se espalha, geralmente com uma subsequente vontade de dormir (LOWEN, 1910, pg. 189)

No momento do clímax, em geral acontece uma perda da consciência por parte do ego. Trata-se de um eclipse temporário do ego, que não se pode confundir com a sensação de abandono. Não é que a pessoa fique inconsciente no processo de orgasmo. Seria mais correto dizermos que a pessoa tende a perder a consciência de si mesma. O si-mesmo desaparece na fusão com o objeto amoroso: o amor alcançou então seu objetivo final. Não somente existe uma sensação de completa unidade e fusão com o parceiro como também uma sensação de fazerem parte da totalidade pulsátil do universo. Essa última sensação endossa a concepção de Reich segundo a qual, no orgasmo, o homem encontra sua identificação com os processos cósmicos (LOWEN, 1910, p. 190).

Considerando-se o primeiro estágio do coito como um retorno simbólico ao útero, por parte do homem, o segundo pode ser visto como a saída da cavidade uterina. A própria intensidade do orgasmo faz pensar no processo de nascimento. Através do orgasmo o homem renasce. Se isso parece prosa figurativa, devemos nos recordar de que, frequentemente, o orgasmo é vivido como renascimento. A pessoa sente-se rejuvenescida, revigorada, depois de um orgasmo. O ato sexual como um todo pode ser considerado como um retorno simbólico ao útero é uma emergência simbólica deste, do ponto de vista do homem. E quanto ao papel da mulher? Sendo o primeiro estágio um preenchimento para ela, o segundo é um esvaziamento. Enquanto o homem simbolicamente é outra vez dado à luz, a mulher simbolicamente o dá à luz, evidentemente, o que pode explicar porque algumas mulheres realmente sentem o processo do parto como um orgasmo. Algumas mulheres comentaram que sua capacidade de terem orgasmo só apareceu após terem dado à luz a um filho.

A propriedade específica dos movimentos sexuais involuntários é que eles englobam o corpo todo na descarga final. O orgasmo é uma convulsão de prazer do corpo inteiro. O orgasmo completo, como o definiu Reich, resulta da “contração involuntária do organismo e da descarga completa da excitação”. Nem todos os movimentos involuntários envolvem o corpo todo. Muitos movimentos convulsivos podem ocorrer durante o clímax sem, contudo, descarregarem a excitação (LOWEN, 1910, p. 191).

1.2.3 Aspecto psicológico da sexualidade

Na psicologia, dentro da visão psicanalista, a sexualidade é entendida como núcleo de todo o comportamento humano, responsável pelas realizações, frustrações e motivações individuais. A sexualidade passa a ter um caráter corpóreo para um plano onde busca pelo prazer como uma meta. “Nesta perspectiva, a vida sexual abrange todas as atividades que envolvem sentimentos, onde os impulsos sexuais instintivos são a fonte, mesmo quando estes são reprimidos pelo inconsciente com a finalidade de não alcançarem o seu fim: o ato sexual” (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

A sexualidade definida pelo behaviorismo é uma necessidade primária que noteia os condicionamentos originados dos estímulos externos decorrentes dos fatores socioculturais, sendo o núcleo de onde se origina a personalidade do ser humano. A sexualidade é núcleo formador da personalidade humana e é resultado das relações interpessoais, que decorrem da percepção sobre si (CAMPOS, 1999, web).

Essas diferenças poderão ser clarificadas da seguinte maneira: para a psicanálise, behaviorismo e funcionalismo (aí incluindo-se também Piaget), o motivo está no organismo, na personalidade, é intrínseco ao homem, enquanto, no gestaltismo, o motivo está fora do organismo, é extrínseco ao homem, encontra-se no campo ou contexto. Para a psicanálise, behaviorismo e funcionalismo, a motivação é uma fuga à estimulação (vide conceito de homeostase - psicanálise. Redução de tensão (drives) - behaviorismo. E procura de adaptação no funcionalismo), enquanto para os gestaltistas a motivação é uma procura de estimulação, conceito esse desenvolvido por meio de estudos sobre conduta exploratória (CAMPOS, 1999, web).

Os conceitos criados por Freud etem embasamento na maneira com que a sexualidade influencia a psique, podendo de maneira lucida compreender esta concepção. Usualmente a sexualidade é compreendida apenas em seu aspecto genital. Freud atribui um significado extremamente diferente e que abrange um campo maior, que vai além do ato sexual em si, desta concepção há o surgimento de um novo

termo para que se possa analisar a sexualidade como um todo: psicosexualidade (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

Para situar a sexualidade além do aspecto reprodutivo, Freud verifica que desde a infância ela já se encontra presente e atuante na vida do ser humano, podendo inclusive ser detectada a presença dos impulsos sexuais nos recém-nascidos. O conceito psicanalítico de sexualidade proposto por Freud, traz uma identidade específica e diferente de tudo aquilo que até então já se havia falado sobre o tema (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

A base da conceituação de sexualidade segundo a teoria de Freud é que sexo é força, energia, estas que são totalmente instintuais e desempenham uma influencia muito grande sobre como a estrutura orgânica dos seres humanos é desenvolvida. Essa força desempenha funções externas e internas na vida do indivíduo. Essa energia pode ter variações quanto a sua quantidade, pois não está conectada somente ao processo de homeostase, mas colabora também para que haja o desenvolvimento da libido, e dos relacionamentos sexuais que decorrem da maneira com que o ser humano interage socialmente (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

A atividade sexual vai derivar da estrutura relacional, isto é, de como eu compreendo o outro, de como o outro se percebe, de como eu me percebo e de como o outro me percebe. Ou seja, o relacionamento sexual pode ser autêntico ou inautêntico. A sexualidade pode ser uma dimensão do relacionamento humano ou um objeto, uma ferramenta de prazer, angústia, medo, ansiedade. Podendo ser uma realização participadora ou uma omissão coisificade, tudo depende de como seja percebida a sexualidade, eu e o outro (CAMPOS, 1999, web).

A distorção produz uma vivência alienada da sexualidade. A não distorção, resultante da aceitação do próprio corpo e de sua sexualidade, leva ao entendimento da mesma como uma dimensão humana, uma oportunidade de relacionamento, e não uma coisa que deve ser satisfeita, esquecida, escondida ou instrumentalizada para outros fins, tais como formação de família, garantia do futuro para reprodução da espécie, etc. (CAMPOS, 1999, web).

Foucault afirmava que nas sociedades ocidentais, durante séculos, se ligou o sexo à busca da verdade, sobretudo a partir do cristianismo. A confissão, o exame da consciência, foi o modo de colocar a sexualidade no centro da existência. O sexo, nas sociedades cristãs, tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso. Podia-se falar de sexualidade, mas somente para proibi-la (RIBEIRO, 1999, web).

Para ele, o capitalismo não tem o propósito de privar a sexualidade, mas não pode desenvolver-se sem privá-la. Seu enfoque consiste em apreender os mecanismos positivos que, ao produzir a sexualidade de determinada maneira, acarretam efeitos repressivos e de miséria (RIBEIRO, 1999, web).

A ideia de que a miséria sexual provém da repressão (que é também efeito do mesmo dispositivo que gerou a própria miséria) e que, para ser feliz, temos que liberar nossa sexualidade, advém dos sexólogos, dos médicos ou de outros detentores do saber, diz o autor (RIBEIRO, 1999, web).

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual (FREUD, 1901-1905, p. 163).

É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a tendência ao recalçamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva (FREUD, 1901-1905, p. 207).

O objeto para o qual se dirige a pulsão sexual não é determinado, mas sim variável; este não está ligado estritamente ao ato sexual em si, ou seja, ao coito, mas pode alcançar o prazer também naquilo que precede o coito, isto é, na contemplação do objeto ou no contato com ele, o que vai ser chamado de alvos sexuais preliminares, algo que Freud definiu como sendo uma espécie de intensificação ou motivação da excitação para que se possa alcançar o alvo sexual definitivo (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

O sexo tem uma função relacional, bem como os olhos veem, a mão pega, o nariz cheira, o que do mesmo é relacional. Vivenciar a sexualidade autenticamente é assumi-la como um grau de relacionamento com o outro, daí a masturbação ser vista como uma atitude auto referenciada, o que provoca uma divisão do indivíduo, formalizante de inautenticidade. Ora, se a sexualidade humana é um grau de relacionamento com o outro, a explicitação da mesma vai depender da existência e percepção do outro, já não podendo ser apontada como um dado biológico, o que implicaria em inatismos, mas sim ser percebida como aspectos relacionais do estarnomundo-com-o-outro (CAMPOS, 1999, web).

A pulsão sexual em Freud é entendida não mais como um caminho biológico que conduz os indivíduos para a meta da procriação, eles adquirem um status

de prazer pulsional, que pode provocar um processo de adiamento ou alteração da meta biológicoreprodutiva (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

Toda e qualquer ação que provoque prazer, além da copulação de genitais, faz parte do prazer pulsional, que pode substituir por diversas vezes o prazer do coito em sua totalidade, ou ainda segundo Freud (1974, p. 143 apud SILVA; BRÍGIDO, 2016, web):

O objeto de um instinto (pulsão) é a coisa pela qual ele atinge a sua finalidade. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que o instinto (pulsão) sofre na sua vida, sendo que esse deslocamento do instinto (pulsão) desempenha papéis altamente importantes.

Segundo a teoria de Freud, o indivíduo poderá, através de comportamentos conscientes, tentar se afastar dos estímulos sexuais, o que não anula a existência das pulsões, muito menos faz com que parem de ter influencia sobre a psique, portanto, o que acontece nessa tentativa é que o psiquismo será pressionado, transformando a pulsão sexual numa ação sobre o biológico. “Talvez justamente nas perversões sexuais mais abjetas é que se deve verificar a abundancia da participação psíquica no processo de transformação da pulsão sexual” (FREUD, 1996, p. 153 apud SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

Deste modo, a busca pelo prazer será sempre instigada pela pulsão sexual em forma de energia biológica, isso esta ligado ao coito com proposito a atingir sexos opostos, porém, podem ocorrer as camadas transgressões durante o processo, que são a homossexualidade e bissexualidade (SILVA; BRÍGIDO, 2016, web).

1.2.4 Aspecto social da sexualidade feminina

A sexualidade é influenciada pela cultura, entendemos por cultura o conjunto de valores, crenças, normas e práticas de vida de um determinado grupo, que é aprendido, partilhado e transmitido, e que orienta o pensamento, as decisões e ações, de maneira padronizada, visto que ela tem relação com o modo pelo qual as pessoas desenvolvem suas relações interpessoais; como compreendem e vivem questões afetivas e sexuais. Em muitos aspectos isso tem relação com aquilo que se aprende ao longo da vida e, uma das coisas que as pessoas aprendem é a significar sentimentos e comportamentos (SOUTO, 2018).

As atividades sexuais heterossexuais durante os primórdios das civilizações humanas eram tratadas com natureza, sem uma visão de promiscuidade sobre elas.

A partir da criação das sociedades chamadas clã, a ordem foi constituída, acabando com a liberdade nos relacionamentos e um patriarca era a figura principal da família (VIEIRA et al., 2016).

A relação sexual toma uma conotação diferente e passa a ser vista como meio de procriação e formação familiar. Mesmo assim, os homens poderiam ter relacionamento extraconjugal; já as mulheres eram para o casamento e para as tarefas domésticas e se casavam após a primeira menstruação (VIEIRA et al., 2016).

A visão religiosa sobre a sexualidade era uma grande influenciadora sobre a cultura e vida social durante o século XVI, ela sempre foi fundada em tabus e considerava como promiscuidade qualquer pratica sexual. “A mulher só poderia perder a virgindade depois do casamento e as relações sexuais eram para procriação. Na Europa, somente a partir do século XVIII o sexo uniu-se ao amor e começou a fazer parte do casamento, dada a possibilidade do parceiro” (VIEIRA et al., 2016).

A partir da Revolução Sexual da década de 1960, com o surgimento da pílula anticoncepcional, ocorreu uma mudança da vida sexual das pessoas, tendo em vista que passaram a praticar o sexo pelo prazer e não apenas pela reprodução. Devido à realização da prática sexual de forma mais livre, algumas consequências negativas foram desencadeadas, a exemplo de uma maior transmissão da AIDS. A partir daí surge o paradoxo da convivência entre comportamentos sexuais mais livres e um moralismo social arraigado (VIEIRA et al., 2016).

Os períodos de desenvolvimento do ser humuno influem em como a sexualidade se apresentará sobre o indivíduo, não só o influenciando socio culturalmente. Por conta das raízes historias, a mulher acaba por ir de encontro a diversos dilemas relacionados a sexualidade., principalmente nas questões econômicas onde o homem é o ativo, não só nesse aspecto, mas também no sexual. Mas com o passar dos anos a mulher vem buscando pela independência financeira, não aceitando “deveres conjugais”, e ganhando um espaço nos ambientes em que está inserida, sendo mais ativa (VIEIRA et al., 2016).

1.3 EMPODERAMENTO FEMININO

1.3.1 Conceituação de empoderamento feminino

Conforme o que consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos de

1948, norteadora das regras de igualdade, homens e mulheres são iguais em direitos. Mas ainda pode ser observada grande desigualdade em algumas sociedades (HEFFEL, 2016).

O “feminismo é o movimento que reflete e divulga a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher”, engloba “teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação da sua própria condição social. Sugere que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo” (TEIXEIRA, 2015, p.3 apud HEFFEL, 2016).

O movimento feminista tem raízes na metade do século XX, e foi o que embalou o surgimento do empoderamento feminino (LANDERDAHL, et. al., 2013). Mas no decorrer da história, o momento em que houve uma ressignificação do feminino e da beleza da mulher foi durante o Renascimento. “Essa época, então, foi o terreno fértil para o surgimento de mulheres notáveis, de personalidade forte, que lutavam com as armas que tinham contra a exclusão social das mulheres, e por sua inclusão no espaço público” (HEFFEL, 2016).

A partir desse contexto, as mulheres foram para as ruas para empreenderem luta por seus direitos. Olympe de Gouges, à frente de um grupo organizado de mulheres, insurgiu-se contra a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Essa declaração representou o embrião de um modelo de cidadania que excluiu as mulheres e que influenciou todo o Ocidente. Essa feminista de vanguarda redigiu, em 1791, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que é inclusiva, igualitária e que prevê a presença de homens e mulheres na sociedade e na política de forma equilibrada e justa. Depois desse período, o que se viu foi a busca da igualdade consubstanciada em diversos movimentos pela libertação feminina (HEFFEL, 2016).

Conforme o que retrata Landerdahl, et. al., (2013) o empoderamento no feminismo compreende a modificação de padrões que por algum meio criam um espaço de subordinação das mulheres. O autor segue complementando seu pensamento:

As mulheres tornam-se empoderadas por meio da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais. O empoderamento não pode ser fornecido nem tampouco realizado para pessoas ou grupos, mas se realiza em processos em que esses se empoderam a si mesmos. Por meio desse processo é possível que as pessoas renunciem a situações de tutela, impotência e dependência, assumindo assim a direção de sua própria vida.

Já para Batliwala (2007 apud CORNWALL, 2018), o empoderamento feminino exerce impacto social de três maneiras, a primeira é modificando aquilo que sustenta estrutura de poder existentes como família, mídia, educação, a segunda maneira é

indo contra ideologias que sustentam a desigualdade de gênero, e por último, ele muda sistemas de controle sobre recursos tanto econômicos, quanto naturais e também intelectuais.

É perceptível o processo do empoderamento até afetar de maneira efetiva a mulher, ele passa por alguns caminhos: “na sociedade, pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, por uma transformação no conceito que ela tem dela mesma, em sua autoestima” (FERRARI, 2013, p. 2 apud HEFFEL, 2016).

O empoderamento tem como norte a modificação saudável da autoimagem e confiança, aprimoramento de habilidades para um pensamento crítico, alicerce para tomada de decisões, bem como ações. Este tipo de mudança é um processo que ocorre em níveis de igualdade: bem-estar; acesso aos recursos; conscientização; participação e controle social, que são componentes da dimensão psicológica do empoderamento (LANDERDAHL, et. al., 2013).

Referem-se ao desenvolvimento do auto reconhecimento, por meio do qual as pessoas adquirem ou fortalecem seu sentimento de poder, competência, autovalorização e autoestima. A dimensão política implica na transformação das estruturas sociais visando à redistribuição de poder, a fim de produzir mudanças nas estruturas de organização social (LANDERDAHL, et. al., 2013).

Pode haver promoção de saúde através do empoderamento, saúde psicológica e do meio social ou comunitário. Um maior controle da própria vida, através do sentimento de pertencimento a grupos sem intervenções coletivas implica a parte psicológica. No empoderamento comunitário, fatores vivenciados no plano individual influem para que se desenvolva autoconfiança e autoestima, a partir disso é aberto um espaço onde o coletivo expõe seus conhecimentos e amplie sua consciência crítica, desenvolvendo a si e ao todo (LANDERDAHL, et. al., 2013).

Pode-se pensar, assim, que o empoderamento psicológico e a realidade estrutural vivida fazem parte do empoderamento comunitário. Deve-se buscar apoiar pessoas e coletivos a realizarem suas próprias análises para que tomem as decisões que considerem corretas, desenvolvendo a consciência crítica e a capacidade de intervenção sobre a realidade. Neste sentido, profissionais ou agentes externos podem mediar e concretizar ações, auxiliar e oferecer subsídios para a criação de espaços que favoreçam e sustentem processos de empoderamento, em especial o feminino, os quais refletem situações de ruptura e de mudança do curso de vida (LANDERDAHL, et. al., 2013).

A luta pelo empoderamento feminino tem uma vasta historia do enfrentamento de dificuldades, bem como a busca pelos direitos iguais e pela diminuição das mazelas

enfrentadas no dia a dia da mulher. Este período de luta reflete na mulher da modernidade, e na maneira com que ela se porta frente a situações de adversidades por simplesmente ser mulher.

1.3.2 Impactos do empoderamento feminino na atualidade

Nos dias de hoje, “não são poucas as mulheres que vêm no casamento o seu destino de vida e não almejam outras realizações pessoais”. Neste sentido, se uma mulher tem baixa estima, espera pouco de si e dos outros. Ela pensa que primeiro deve servir ao outro, e se coloca por último na busca de satisfação de suas necessidades. Ela pode escolher um parceiro que não a respeita, por pressupor que não precisa ser espreitada. Ela não tem consciência disto, o que é o pior dos fatores que a oprimem. A pior opressão é a que vem de dentro do ser humano. É aquela que a própria pessoa se impõe, após ter sido oprimida pelo outro durante seu processo de desenvolvimento. É a opressão que a pessoa coloca para dentro e depois atua policiando a si mesma, desconhecendo que interiorizou a repressão. Assim, “a mulher interiorizou esta repressão e seu processo de inferiorização é histórico cultural”, sendo que o “resultado é sua baixa autoestima, o que a coloca como servidora/escrava do outro e a faz auto-sabotar seu potencial”.

As mulheres tem se inserido nos cargos de responsabilidade e isso tem aumentado cada vez mais, o que acarreta no poder que o sexo feminino terá em conservar seus pensamentos, inserindo os valores femininos nas áreas profissionais, não sendo mais obrigadas adotar o que a maioria masculina dita e corroborando na compreensão sobre diversos assuntos (VIEIRA, 2005).

Com a globalização e com o uso das tecnologias e da automação no trabalho, está surgindo um espaço de trabalho diferenciado cuja essência é o contato humano, ocupações como supervisão, entretenimento, fazer companhia às pessoas e ouvi-las, cuidar delas, ajudá-las material e espiritualmente são um bom exemplo dessas novas tarefas. Nessas funções, apesar dos avanços tecnológicos, a sociedade requer atributos mais femininos como a paciência, a atenção e a intuição. Desse modo, é necessário que a mulher esteja pronta para preencher essas funções (VIEIRA, 2005).

Há uma necessidade de adaptação social a maneira com que a mulher tem se posicionado atualmente, o discurso machista de opressão deve ser modificar para um de respeito aos novos aspectos que englobam a figura feminina como a determinação e a força (VIEIRA, 2005).

A identificação da mulher na pós-modernidade tomou proporções diferentes onde ela é independente economicamente, participa na imposição de leis no mercado e também nos relacionamentos com o sexo oposto, a mulher da atualidade busca pelo direito de escolher e de tomar controle das situações, não necessitando de ninguém para poder viver (VIEIRA, 2005).

“Esse novo contexto criado pela pós-modernidade coloca o sujeito diante de uma multiplicidade nunca vista de escolhas e de oportunidades, traz também à cena a possibilidade de análise, do autoconhecimento da mulher, do seu corpo, da sua vida e do que fazer dela” (VIEIRA, 2005).

Na luta pela libertação das amarras sexuais, ditadas pelos dogmas morais, a mulher contemporânea se arvorou por novas formas de erotismo como o gozo objetivista e o sexo de ocasião. Porém, a sexualidade da mulher contemporânea parece expressar valores cultivados pela própria sociedade atual. Essas modalidades de relacionar-se com o outro têm um toque do investimento narcísico tão incentivado atualmente. Novos mitos femininos estão surgindo para substituir aqueles antes atribuídos às mulheres. A mãe agora é aquela que também trabalha fora de casa. A mulher romântica é também a que seduz ativamente. A mulher passiva eroticamente tornou-se ativa na relação sexual. Esses novos mitos parecem revelar mulheres autodeterminadas, autônomas na eleição dos caminhos a percorrer e, como não poderia deixar de ser em tempos contemporâneos, individualista quanto a seus desejos (VIEIRA, 2005).

Atualmente, as questões que antes eram tratadas com repulsa e desaprovação foram transformadas em concepção visando a liberdade e independência, principalmente relacionadas as vivências da sexualidade. A mulher obteve o sucesso em traçar seu caminho na busca de poder, sem impondo quanto a volição de opinar em assuntos que antes não teria lugar de fala, como sobre a sexualidade (VIEIRA, 2005).

Para as mulheres, o mais insólito, em alguma medida fascinante, mas também assustador, é a vivência de uma autodeterminação, ou de uma autonomia na exploração das possibilidades, nas escolhas ou até na criação ou invenção de alternativas. Se por um lado essa abertura às opções pessoais é compartilhada com o homem em função de uma promoção do individualismo generalizado próprio da época, por outro a mulher pode sentir, com objetividade, que está conquistando posições novas e condições igualitárias não somente no âmbito privado, mas também no público. (FUKS, 2002, p. 105).

O que a mulher tem experiências nestes últimos anos é algo que foi lhe adquirido por meio da imposição da necessidade de direitos iguais e direitos sobre si, seus corpos e suas vidas.

Até nossos dias, a existência feminina sempre se ordenou em função de caminhos social e ‘naturalmente pré-traçados’, casar, ter filhos, exercer as tarefas definidas pela comunidade social. Foi esta época, poderíamos dizer, que encerrou essa rigidez: o destino do feminino entrou, pela primeira vez,

em uma era de imprevisibilidade e de abertura estrutural. Se é verdade que as mulheres não têm as rédeas do poder político e econômico, não há dúvida de que ganharam o poder de governar-se, podendo viver sem um caminho social pré-fixado. (FUKS, 2002, p. 108)

Segundo Jota (2007) é viável pensar que quando a luta pela libertação sexual das mulheres iniciou, o que se reivindicava era o acesso ao prazer, uma vez que, a “função reprodutora” da mulher não incluía orgasmo ou seja qual for outro tipo de satisfação sexual. “Nos anos 60-70, o feminismo se empregava em emancipar a sexualidade das normas morais, em fazer regredir a influência do social sobre a vida privada.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 76). Atualmente, o que as mulheres representam estar buscando é poder prescindir do outro para obter o prazer. Por meio da análise do sexo de ocasião e do gozo objetivista é possível fazer uma reflexão em relação se as mulheres da vida contemporânea são tão poderosas e senhoras de si que não precisam mais do sexo oposto, e se a individualização feminina possibilitou uma realização sexual individualizada. Segundo a Revista do Correio, 44% da população feminina do Distrito Federal são mulheres solteiras, separadas ou viúvas. Quanto maior a renda, mais sozinhas elas estão. A revista reconhece que é por opção:

A solteirice feminina é um desses fenômenos do século 21 que se unem a palavras como carreira, sucesso, estudo e liberdade. Muitas mulheres estão sozinhas porque querem, principalmente as que já passaram da casa dos trinta ou beiram os quarenta. (GÓES; FRÓES; ALCÂNTARA, 2005, p. 10 apud JOTA, 2007).

O que se tem notado na sociedade atual é a busca pela própria realização, pelo alcance dos objetivos individuais, a mulher pode ser um produto desse processo.

2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1 Natureza e Tipo de Pesquisa

O tipo de pesquisa desenvolvido foi o bibliográfico, cuja natureza teve caráter descritivo e qualitativo, visando descrever e analisar os fenômenos e aspectos empíricos sob a fundamentação dos referenciais teóricos, o que foi possível através da exploração de livros e de artigos científicos publicados em revistas científicas; as consultas incluíram materiais bibliográficos elaborados por pesquisadores ou profissionais que tratam sobre o assunto sexualidade e mulher, e que se encontram disponibilizados na internet, em meios eletrônicos.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base no material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como, fitas magnéticas, CDs, bem como material disponibilizado pela Internet (GIL, 2010).

Em relação ao caráter descritivo da pesquisa, Oliveira apud Fischer (2001, p. 8) explica que o estudo descritivo envolve a correspondência entre variáveis fundamentais para as diversas ciências sociais, e permite ao pesquisador uma melhor compreensão sobre o comportamento de vários fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.

Segundo Santos e Candeloro (2006) a pesquisa de natureza qualitativa permite ao acadêmico levantar dados subjetivos e outros níveis de consciência da população alvo, ou seja, informações relevantes acerca do universo a ser investigado, que leve em consideração a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural.

O universo ou população de uma pesquisa depende do assunto a ser investigado, e a amostra, porção ou parcela do universo, que realmente será submetida à verificação, é obtida ou determinada por uma técnica específica de amostragem (MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 27).

Andrade (2006), explica que o universo é constituído por todos os elementos de uma classe, ou toda a população. Como é praticamente impossível estudar uma população inteira, ou todo o universo dos elementos, escolhe-se determinada quantidade de elementos para objeto de estudo. Os sujeitos, ou elementos de investigação compreendem a amostra da população ou do universo.

O método qualitativo de pesquisa se distingue em muito do método quantitativo. Segundo Perdigão (2012) a pesquisa quantitativa fornece informações numéricas que são analisadas com a utilização da estatística, conforme os números e porcentagens levantados por meio de amostras da população. O método quantitativo devolve à população os resultados normalmente obtidos a partir de um questionário aplicado à população de respondentes, no caso, a amostra. Os resultados da amostra são representativos de uma determinada população.

2.1.2 Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados

Para este trabalho, como supracitado, a pesquisa utilizou o método bibliográfico e descritivo, portanto não foram realizadas entrevistas com grupos de pessoas, por não se tratar de pesquisa de campo. Neste sentido, a pesquisa se restringiu a mulher e sua sexualidade, sem delimitação de amostragem.

A pesquisa foi executada no segundo semestre (setembro a novembro) do ano dois mil e dezenove (2019), através do curso de Psicologia, ministrado pela UNIARP - Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, sob a orientação da professora Madaline Ficagna Roveda (Orientadora de Conteúdo).

Parte do material bibliográfico estava disponível na biblioteca universitária, mas devido à insuficiência de livros que contivessem conteúdo mais específico sobre o tema, houve a necessidade de busca de referenciais na internet. Após a etapa de investigação com base no referencial teórico, o próximo passo contemplou a análise minuciosa e reflexiva das informações obtidas e discussão dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para elaboração deste trabalho foi utilizada pesquisa bibliográfica qual natureza teve caráter descritivo e qualitativo, visando descrever e analisar os fenômenos e aspectos empíricos sob a fundamentação dos referenciais teóricos. Em relação ao caráter descritivo da pesquisa, Oliveira apud Fischer (2001, p. 8) explica que o estudo descritivo envolve a correspondência entre variáveis fundamentais para as diversas ciências sociais, e permite ao pesquisador uma melhor compreensão sobre o comportamento de vários fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno.

O tema abordado foi a sexualidade em seus aspectos biopsicossociais e como ela leva ao empoderamento da mulher. Esta temática está em grande evidencia na atualidade, por conta dos movimentos sociais e visibilidade da mulher através da luta pelo direito igualitário, o que proporciona um grande campo de estudo.

Nas diferentes civilizações as mulheres eram vistas de uma forma diferente, na maioria das vezes de maneira inferior ao homem. Na Grécia antiga a posição social e política entre homens e mulheres tinha uma grande diferença no que se refere a direitos, elas não eram consideradas cidadãs. (FRIAS, 2012, web). No século XVII, a visão da mulher como um ser sem volição própria se mostrava forte. Rousseau detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, como se prosseguia durante a Grécia antiga, defendendo que seria contrária a natureza feminina a busca pelo conhecimento. (GASPARI, 2003, p. 29 apud RODRIGUES, s/d, p. 4, web). Os autores acima descrevem a mulher em dois períodos históricos, onde as concepções relacionadas a mulher eram bastante parecidas.

“Antigamente era inadmissível a mulher ter direitos que, ao mundo de hoje, soam tão naturais, como estudar, trabalhar fora do lar, votar, etc” (MORAES, 2012, p. 2, web). A partir do momento em que as mulheres levantaram sua voz e foram em busca de seus direitos as coisas começaram a mudar. Como se pode observar, em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos, sendo um norte dos direitos do ser humano, colocou homens e mulheres como iguais em direitos (HEFFEL, 2016), o que é considerado como um grande passo na conquista de espaço para a mulher.

Para dar continuidade a análise é necessário observar que a necessidade sexual biológica é algo experienciado pelo ser humano, bem como pelos animais. Na obra, *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud conceitua pulsão

sexual como uma característica biológica encontrada em todas as espécies animais, no homem tendo caráter inato, portanto, não é controlado pelo ser humano. Ela pode ser entendida como núcleo de todo o comportamento humano, responsável pelas realizações, frustrações e motivações individuais. E também é influenciada pela cultura, onde normas e práticas de vida de um determinado grupo, são aprendidas e transmitidas e que orienta o pensamento, as decisões e ações, de maneira padronizada, visto que ela tem relação com o modo pelo qual as pessoas desenvolvem suas relações interpessoais; como compreendem e vivem questões afetivas e sexuais (SOUTO, 2018).

O julgamento social sobre as ações das mulheres por diversos períodos históricos foi rígido e opressor, por conta da cultura da época, porém, a partir do momento em que a mulher buscou pelos seus direitos e pelo tratamento igualitário, como citado anteriormente, ela foi ganhando espaço, e em meio a isso o empoderamento feminino surgiu.

Conforme o que retrata Landerdahl, et. al., (2013) o empoderamento no feminismo compreende a modificação de padrões que por algum meio criam um espaço de subordinação das mulheres. As mulheres tornam-se empoderadas por meio da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais.

Frente às questões consideradas como tabu no passado, a repressão e a anulação da mulher foram substituídas pela liberação e pela independência dos dias atuais. Assim, a mulher contemporânea, com base em novas redes de poder, impõe-se na sociedade em diferentes áreas, inclusive na sexual, tendo espaço para preferências e vontade em assuntos que antes não podiam sequer ser mencionados em discurso privado, quanto mais ser objeto de discurso público (VIEIRA, 2005). Durante a luta pela igualdade e pela liberdade de sua expressão a mulher enfrentou alguns tabus relacionados a imagem feminina e pode explorar a busca pelo prazer em viver da forma que bem entende sem amarras sociais e também pelo prazer sexual.

Segundo Jota (2007) é possível pensar que quando a luta pela libertação sexual das mulheres começou, o que se reivindicava era o acesso ao prazer, pois, a “função reprodutora” da mulher não incluía orgasmo ou mesmo qualquer outro tipo de satisfação sexual. A partir da Revolução Sexual da década de 1960, com o surgimento da pílula anticoncepcional, ocorreu uma mudança da vida sexual das pessoas, tendo em vista que passaram a praticar o sexo pelo prazer e não apenas pela reprodução.

Considerando os dados descritos acima, fica evidenciado que enquanto vivencia sua sexualidade como um todo em seus aspectos biopsicossociais, a mulher se liberta de anos de inibição de seu próprio prazer, e se torna alguém que detém o poder sobre suas escolhas, suas vontades e sobre como irá se comportar frente as adversidades e situações encontradas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso trouxe o árduo histórico da mulher, a qual viveu desde o princípio, sendo de forma ou outra, arruinada, sem direitos, sendo tratada como ser inferior apenas pela veracidade de ser mulher, juntamente com a pesquisa de sua sexualidade, historicamente ignorada, hoje viabiliza a conclusão de que a mulher através de seus aspectos biopsicossociais pode chegar ao empoderamento feminino, entendendo que o mesmo, é um processo o qual a mulher deve primeiramente, fazer-se consciente.

A realização da pesquisa acaba por gerar um mix de sentimentos, uma repulsa a respeito das situações as quais as mulheres vivenciaram, ao que foram submetidas pela sociedade, e um contentamento no que tange a mulher nos dias atuais, onde o ser que antes era reprimido, confinado ao lar, subordinado por qualquer figura masculina, hoje, encontra-se administrando empresas, podendo ela ser a dona da mesma, e o melhor: sem necessidade de figura masculina para empoderar-se.

O conhecimento teórico proporcionado pela elaboração deste trabalho é de suma importância, considerando que os dados obtidos na pesquisa amplificam o conhecimento da Psicologia diante do tema. Podendo identificar os processos que levam a mulher ao empoderamento, da mesma forma evidenciando o papel do psicólogo nesse meio, o qual consiste em ajudar mulheres nesse percurso, desenvolvendo o processo de autoconhecimento, bem como autoestima, para adiante levar a satisfação plena da figura feminina.

Não é através da pesquisa que sabe-se da luta da mulher por seus direitos, atualmente, muito já foi alcançado, assim como há muito pelo que lutar, tendo em conta que a mulher é um ser em constante evolução, tais considerações instigam futuras pesquisas aprofundadas em todos os aspectos apresentados, podendo ser ressaltado quais as dificuldades encontradas pela mulher em uma era de empoderamento para viver sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia científica*: São Paulo: Editora Atlas, 2006.

CAMPOS, Vera Felicidade Almeida. **Sexualidade humana – Aspectos psicológicos**. Bahia, 1999. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317784044_Sexualidade_Humana__Aspectos_Psicologicos>. Acesso em jul. 2019.

CARDOSO, Barbara Ravena. OLIVEIRA, Karoline Martins de. LOBO, Lua. **Mulher contemporânea – sexualidade e disfunções sexuais**. Londrina, PR, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/analisedocomportamento/pages/arquivos/SEXUALIDADE%20FEMININA.pdf>>. Acesso em jul. 2019.

CORNWALL, Andrea. **Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global**. Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332018000100202> Acesso em out. 2019.

DIEHL, Alessandra. VIEIRA, Denise Leite. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria tres ensaios sobre sexualidade e outros trabalho. Edição Standard Brasileira de Obras psicologicas de Sigmund Freud, 1901-1905.**

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira de Obras psicologicas de Sigmund Freud, 1913-1914.

FRIAS, Daniel N. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade**. 2012. Disponível em: <<https://filosofojr.wordpress.com/2012/08/23/a-mulher-da-grecia-antiga-e-possiveisaspectos-da-cultura-grega-na-contemporaneidade/>>. Acesso em set. de set. 2019.

GASPAR, M.D Garotas de programa: Prostituição e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

HEFFEL, Carla Kristiane Michel. **A construção da autonomia feminina: o empoderamento pelo capital social**. 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID1895_11052016133624.pdf>. Acesso em out. 2019.

JOTA, Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira. **O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade**. Brasília, 2007. Disponível em:

<<https://unb.revistaintercomambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/115/119.pdf>>.

Acesso em out. 2019.

LANDERDAHL, Maria Celeste. VIEIRA, Letícia Becker. CORTES, Laura Ferreira. PADOIN, Stela Maris de Mello. **Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452013000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em out. 2019.

LOWEN, Alexander. **Amor e orgasmo**. São Paulo: Summus, 1910.

MORAES, Érika de. **Ser mulher na atualidade**. Maringá, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acesso em: nov. 2019.

OLIVEIRA, Thaís Zimovski; GUIMARÃES, Ludmila Vasconcelos; FERREIRA, Debora Pazzeto. **Mulher, Prostituta e Prostituição: da história ao Jardim do Éden**. Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tpa/article/view/33214/17859>>. Acesso em nov. 2019.

PERDIGÃO, Dulce Mantella. **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

REIS, Rosana Maria dos; JUNQUEIRA, Raquel Rosa; SILVA, Ana Carolina Japur de Sá Rosa-e. **Ginecologia da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2012

RIBEIRO, Moneda Oliveira. **A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem**. São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v33n4/v33n4a06>>. Acesso em jun. 2019.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em set. de 2019.

SILVA, Fábio Brandão. BRÍGIDO, Edimar. **A sexualidade na perspectiva Freudiana**. Curitiba, PR, 2016. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/download/110/121>>. Acesso em ago. 2019.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da. et al. **A mulher e a sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15160858200500020006>. Acesso em set. de 2019.

SILVA, Pollyana J. **A condição feminina: uma breve retrospectiva histórica**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAecQAB/a-condicao-feminina-breveretropesctiva-historica?part=3>>. Acesso em ago. 2019.

SOUTO, Ana Lucia. **Aspectos culturais da sexualidade humana**. 2018. Disponível em: <<https://pt.khanacademy.org/science/8-ano/vida-e-evolucao-8-ano/sexualidademetodos-contraceptivos-gravidez/a/aspectos-culturais-da-sexualidade-humana>>. Acesso em out. 2019.

SOUZA, Luciano. **Aspectos biológicos do desenvolvimento da sexualidade**. 2012. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/lucianosouza77/aspectos-biolgicos-dalsexualidade>>. Acesso em ago. 2019.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502005000300012>. Acesso em out. 2019.

VIEIRA, Kay Francis Leal. NÓBREGA, Renata Pires Mendes. ARRUDA, Maria Valdênia Soares. VEIGA, Priscila Monique de Melo. **Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional das mulheres**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932016000200329>. Acesso em out. 2019.